

ALTERIDADE, DIALOGISMO E HETEROGENEIDADE – UMA LEITURA DA TEORIA DE JACQUELINE AUTHIER-REVUZ¹

Nilza Carolina Suzin Cercato²

O presente trabalho tem como temática uma leitura da obra de Jacqueline Authier-Revuz, sob a lente da pesquisadora Beth Brait – em que os conceitos de alteridade, dialogismo e heterogeneidade são desvendados. O objeto de estudo é o caminho percorrido pela autora francesa, os teóricos que fundamentam as posições que defendem em relação ao discurso relatado e a presença constitutiva da alteridade, como núcleo da concepção de linguagem, de sujeito e de sentido.

O objetivo é observar os conceitos do “outro” que contribuíram para a constituição de heterogeneidade nos trabalhos de Jacqueline Authier-Revuz – que vê o outro como constitutivo do sujeito e da linguagem.

Dois caminhos são percorridos: o caminho de Bakhtin, de constituição da linguagem – em que o dialogismo e a polifonia estão calcados no conceito do “outro” discursivo, ideológico e interacional. Seja qual for o lugar assumido para olhar o pensamento bakhtiniano, a idéia do diálogo, enquanto estrutura enunciativa, e enquanto forma dialógica constitutiva da existência das atividades de linguagem atravessam o campo de visão e desdobram as possibilidades, incluindo a história e a memória na cena de produção de sentidos e de seus efeitos. De Lacan vem a concepção em que o inconsciente e a linguagem autorizam o conceito do outro. Dois autores cujo “olhar” encaminha-se para a presença do outro, incorporando-o e constituindo a linguagem.

Os trabalhos de Authier-Revuz têm como centro a descrição e a tipologia da modalização no campo do heterogêneo da enunciação, em que na língua há o encontro de fala, discurso e sujeito. Esse encontro – fala, discurso e sujeito – é lugar de clivagens teóricas, e diz respeito ao conceito de língua e à concepção de sujeito e de sua relação com a linguagem e com o sentido.

A metodologia do estudo consiste em acompanhar a teoria de Jacqueline Authier-Revuz, buscando entre as explicitações que faz, quais as idéias de Bakhtin e de Lacan vão fazer parte dos estudos em relação ao conceito do outro, constitutivo ou relatado, no discurso. Como primeira constatação, dois aspectos fundamentais são colocados para a configuração do conceito de heterogeneidade:

1) a autora se coloca como lingüista. Trata-se de precaver-se contra a tendência em que a língua é preterida a favor da análise ideológica e outros ambíguos “exteriores lingüísticos”. Seus trabalhos, portanto, ficam no nível do lingüístico, na materialidade que ela chama de “fio do discurso” entendendo-se como enunciado – ato de enunciação. Aí, sujeito, linguagem e discurso são analisados; com rigor e método.

2) diz respeito às teorias a que ela recorre, os “exteriores teóricos”: o dialogismo de Bakhtin, e a psicanálise – a leitura que Lacan faz de Freud. Apesar de essas teorias serem diferentes, partem de autores cuja reunião em estudo deve ser cuidadosamente esclarecida, elas têm em comum, neste caso, o fato de oferecerem para a concepção de sujeito, de linguagem, de sentido a idéia da não homogeneidade, do não-um, da alteridade constitutiva, da heterogeneidade constitutiva e da relação não separável um-outro. Ambos, partindo de posturas diferentes, defendem a heterogeneidade.

A questão proposta é a seguinte: qual é o Bakhtin, e qual é o Lacan aos quais se reporta e em que momento eles são mobilizados para construir as teorias de Authier-Revuz?

¹ Pesquisa desenvolvida sob a orientação do Professor Dr. João Antônio Santana Neto.

² Doutoranda em Letras pela Universidade Federal da Bahia, membro integrante do Núcleo da Análise do Discurso – NEAD/UCSal. nilzacarolina@hotmail.com.

Essas duas correntes podem parecer contraditórias porque trabalham a concepção de sujeito, de linguagem e de sentido a partir de diferentes posturas, diante do que se compreende por “outro”. Mas há dois pontos de contato fundamentais: 1º concebem o “outro” como inalienável, por diferentes caminhos da constituição das identidades, dos sujeitos e das formas de manifestá-los e constituí-los pela linguagem; 2º pela rígida oposição dos rumos dados à questão pela psicologia da época.

Em Bakhtin, a noção de “outro” está ligada ao conceito de linguagem que ele traça ancorado no dialogismo. Na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, no capítulo que trata das relações entre infra-estrutura e superestrutura, ele aponta o que se chama de alteridade constitutiva do signo:

Por certo, todos os índices sociais de valor dos temas ideológicos chegam igualmente à consciência individual que, como sabemos é toda a ideologia. Aí eles se tornam, de certa forma, índices individuais de valor, na medida em que a consciência individual os absorve como sendo seus, mas sua fonte não se encontra na consciência individual. O índice de valor por natureza interindividual (BKHTIN, 1995, p. 45).

E mais adiante: “O signo ideológico é o território comum tanto do psiquismo quanto da ideologia; é um território concreto, sociológico e significante (p.57)”. A enunciação como tal é um puro produto de interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade lingüística.

Na terceira parte da obra, no capítulo “Teoria da enunciação e problemas sintáticos” o outro aparece de forma concreta na materialidade lingüística. No discurso citado – direto, indireto e indireto-livre, Bakhtin observa que deve ser dado um tratamento especial, pois “servem para a transmissão das enunciações de outrem e para integrar essas enunciações num contexto coerente” (p.143).

Bakhtin estuda o discurso citado como uma enunciação na enunciação, reação da palavra na palavra, discurso no discurso, recepção ativa do discurso do outro – e com isso dá continuidade à configuração do outro. Trata-se do outro no discurso de outro; trata-se também do outro como receptor e nesse momento, Bakhtin questiona sobre a forma como o discurso de outrem é apreendido: Como o receptor experimenta a enunciação de outrem na sua consciência que se exprime por meio do discurso interior? Como é o discurso ativamente absorvido pela consciência, e qual a influência que ele tem sobre a orientação das palavras que o receptor pronunciará em seguida? (p.146).

Encontramos justamente nas formas de discurso citado um documento objetivo que esclarece esse problema. Esse documento, quando sabemos lê-lo, dá-nos indicações, não sobre os processos subjetivo-psicológicos passageiros e fortuitos que se passam na alma do receptor, mas as tendências sociais estáveis características da apreensão ativa do discurso de outrem que se manifesta em forma da linguagem.

Essas observações vão apontar para a questão da interdiscursividade, das formas de confluências discursivas, representação e produção de sentido enquanto historicidade da linguagem. Como referência para suas teorias, Bakhtin se detém em Dostoievski – autor que oferece a matéria-prima para o estudo da alteridade, da interdiscursividade, do confronto de vozes: a polifonia por excelência. O texto que permite essa análise apresenta título, temática, problemática, e discurso, levando o título de “O duplo” em uma tradução e o “Sósia” em outra.

Trata-se de um personagem, Goliatkin, que ao sair para a repartição trabalhar, vê-se frente a frente a outro Goliatkin, igual a ele fisicamente, mas cheio de artimanhas que o deixam sem ação. O Goliatkin 2 o atormenta no trabalho, acompanha-o em casa, se o primeiro vai a uma confeitaria encontra o segundo já lá. Aos poucos, a vida do Goliatkin 1 vai se tornando um labirinto sem fim, e a cada circunstância, diante dele está o 2, sempre mais esperto, mais interessante, mais apreciado. Para poder sobreviver, Goliatkin 1 tem linguagem e comportamentos que são ditados pela presença do outro.

Em primeiro lugar, o personagem procura simular independência em relação ao discurso do outro. A esse procedimento Jacqueline Authier-Revuz chama de heterogeneidade marcada. No conto, o resultado dessa heterogeneidade anula a tentativa de Goliatkin acalmar-se. Em segundo lugar, surge a vontade do protagonista de não chamar atenção sobre si mesmo, desejo de misturar-se na multidão, tornar-se invisível. Por último, há uma concessão, uma subordinação ao discurso do outro, como se de fato ele pensasse assim.

Para desvendar o conceito do “outro”, “alteridade”, “vozes”, “dialogismo”, Bakhtin descreve e analisa aspectos da materialidade lingüística. Os diálogos do protagonista consigo mesmo evidenciam de que modo o diálogo permite substituir com sua própria voz, a voz de outra pessoa, permite que o protagonista trate a si como a uma outra pessoa.

Num primeiro momento, a segunda voz é calma, auto-suficiente e a primeira é tímida e insegura. Como não podem ser fundidas em uma só, vão ganhando autonomia, dialogando de forma conflituosa. Além disso, a segunda voz destoa da primeira e se sente tão autônoma que aparecem ironias, tons provocantes, zombeteiros e traiçoeiros.

O que vai sendo desvendado quando aflora o discurso no discurso, a palavra afrontando a palavra é a alteridade enquanto condição humana, que Dostoievski analisa não só como doença, patologia, mas como condição constitutiva da linguagem.

O mesmo e o outro, o sujeito e suas vozes, vão projetando diferentes identidades, diferentes personalidades através de diferentes vozes discursivas que se defrontam e que Bakhtin vai surpreendendo na pontuação, no vocabulário, nas construções sintáticas. Na intriga entre o protagonista e seu duplo atuam três vozes: O eu para si mesmo, que não pode passar sem o outro e seu reconhecimento; o eu para o outro – reflexo, a segunda voz; a voz do outro – que não o reconhece, pois não há outro herói, senão Goliadkin.

Portanto é possível considerar que o conceito de “outro” em Bakhtin foi construído a partir de suas reflexões sobre a linguagem enquanto condição humana constitutiva, levando em conta a dimensão psíquica, que ele aborda pela consciência, pela ideologia, a interdiscursividade que atravessa o sujeito e impede a homogeneidade, o “um absoluto”. Esse é o caminho de Bakhtin presente nos trabalhos de Jacqueline Authier-Revuz.

O outro caminho, seguido por Jacqueline Authier-Revuz para estudar a alteridade, o dialogismo e a heterogeneidade, vem das teorias de Lacan. Para ele, o “outro” é o termo para designar um lugar simbólico – o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou ainda, Deus – que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intra-subjetiva em sua relação com o desejo. Pode ser simplesmente escrito com maiúscula, opondo-se então a um “outro” com letra minúscula, definido como “outro” imaginário ou lugar da alteridade especular. Mas pode receber a grafia grande “outro” ou grande A, opondo-se então quer ao pequeno “outro”, quer ao pequeno a, definido como objeto (pequeno) a. (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 558).

Definição complexa, pois envolve termos específicos da psicanálise lacaniana: significante, sujeito, desejo, objeto, pequeno “a” e grande “A”. Para compreender melhor, recorreremos à trilogia lacaniana: o imaginário, o simbólico, o real.

O imaginário está relacionado com projeção, em que se faz necessário distinguir o projetado do projetando. O imaginário surge em descompasso, desconhecido pelo sujeito, entre seu corpo dominado e visto como totalidade no espelho e o corpo real sem fala e sem controle motor, refletido nesse mesmo espelho. Lacan situa esse acontecimento entre seis e dezoito meses: “É a aventura original por meio da qual, pela primeira vez, o sujeito passa pela experiência em que se vê, se reflete e se concebe como o outro que não ele mesmo: dimensão essencial do humano, que estrutura toda sua vida de fantasia” (LACAN, 1979, p. 95).

Os componentes dessa vida nascem de uma diferença entre dois corpos: o corpo Real e o Imaginário. Pequeno “outro” que, da imagem do corpo passa a todos os outros e motiva agressividade, luta e guerra. O olho que junta o corpo Imaginário e o corpo Real simboliza o sujeito do inconsciente. Antes dessa junção, o sujeito como tal não existe. Nasce com essa imagem que lhe permite separar o que é e o que não é dele.

O Simbólico: Um guia se encontra além do imaginário, no nível do plano Simbólico, da troca legal que só pode encarnar-se pela troca verbal entre os seres humanos. Esse guia que comanda o sujeito é o ideal do EU, que vem a ser o “outro” enquanto falante, o “outro” enquanto tem comigo uma relação simbólica, sublimada que, no nosso manejo dinâmico, é, ao mesmo tempo, semelhante e diferente da libido imaginária. Como ser falante, o outro nomeia o sujeito.

O Real constitui o mistério do inconsciente, o campo daquilo que subsiste fora da simbolização e que não espera nada da palavra. Não temos outro meio de apreendê-lo a não ser por intermédio do Simbólico.

Nota-se, pois, que Lacan situou a questão da alteridade, isto é, a relação do homem com seu meio, com seu desejo e com o objeto, na perspectiva de uma determinação do inconsciente. Lacan cunha uma terminologia específica (outro/outro) para distinguir o que é do terceiro lugar, isto é, da determinação pelo inconsciente Freudiano (outro) do que é o campo da pura dualidade (outro) no sentido da psicologia. Essa característica – alteridade enquanto determinação do inconsciente – instaura uma diferença básica em relação à alteridade pensada por Bakhtin, pois este se afasta das concepções psicológicas da alteridade.

Lacan define o outro como o lugar em que se constitui o sujeito, que é representado pelo significante; como inconsciente que é o discurso do “outro” no qual o sujeito recebe, sob a forma invertida que equivale à promessa, sua própria mensagem esquecida; o outro que é a outra cena, compreendida como o lugar de “desdobramento da fala”, onde o desejo do homem é o desejo do outro; o outro sexo, isto é, o lugar a partir do qual se enuncia uma diferença para cada sujeito.

Entre Bakhtin e Lacan há que se considerar a diferença teórica: para Lacan a alteridade tem origem no inconsciente; para Bakhtin, a alteridade é concebida ideologicamente. O importante é que Jacqueline Authier-Revuz trabalha a constituição da alteridade com Bakhtin e Lacan sem confundir as teorias, assegurando, na linguagem, os possíveis pontos de diálogo. O estudo trata de não opor ideologia e inconsciente, mas de reconhecer duas dimensões a partir da materialidade lingüística – a língua entendida como lugar de exposição e constituição de identidades e de sujeitos.

É na obra “Palavras Incertas: as não-coincidências do dizer” que a autora utiliza de alguns trabalhos do círculo de Bakhtin que indicam a presença do “outro” no discurso para construir a concepção de heterogeneidade. Há a construção de uma nova abordagem do discurso relatado – que deve ser encarado como um ato de comunicação que toma por objeto um outro ato de comunicação entre interlocutores, fazendo aparecer fenômenos enunciativos-discursivos.

Essa recepção ativa das falas de outrem supõe uma filtragem antes da recriação de uma nova mensagem, e ela acrescenta: “faz do discurso indireto um precioso instrumento para abordar com os alunos, os problemas de sentido, ou seja, a relação de um discurso original, com diversas versões de ‘discurso indireto’, faz aparecer elementos constitutivos de sentido”.

Nas conclusões, apresenta: uma ideologia do sentido perigosamente simplista, concebe o “outro” como uma realidade absolutamente objetivável. Descobre-se que o relator neutro, inocente, não existe, e que todo discurso relatado é interpretação e, às vezes, conflito. Nesse artigo, o “outro” de Bakhtin aparece como fonte e concepção: trata-se de uma perspectiva lingüístico-discursiva em que a dimensão ideológica está recuperada na materialidade lingüística e o outro é dimensionado como interlocutor e como discurso.

Em momento posterior, para a descrição das formas de heterogeneidade mostrada no discurso, Authier-Revuz esclarece a que “exteriores teóricos” recorreu: menciona explicitamente o dialogismo do círculo de Bakhtin e a psicanálise. É o momento em que, na condição de lingüista, faz uma análise puramente lingüística, ainda que considerando o enunciado enquanto ato de enunciação, ela esclarece que não é uma psicanalista, e que assume a perspectiva lingüística, centrada no fio do enunciado.

Nesse texto, a autora define a necessidade de, para trabalhar a heterogeneidade mostrada, recorrer à teoria ou a teóricos que tenham apontado e trabalhado a heterogeneidade constitutiva da linguagem e do sujeito. Aí ela reúne as formas de leitura e aproveitamento de Bakhtin e Lacan, evidentes em toda a bibliografia que usa.

O que ela quer afirmar, de maneira insistente através da rede de oposições monólogo/diálogo, múltiplo/único, heterogêneo/homogêneo destacadas pelo círculo é o lugar dado ao outro na perspectiva dialógica, mas um “outro” que não é nem um duplo (dublê) de um face a face, nem o “diferente, mas um “outro” que atravessa constitutivamente o um, o “outro” de Bakhtin, aquele dos outros discursos, o “outro” interlocutor, o qual pertence ao campo do discurso no sentido construído, com palavras “carregadas de história”.

No que diz respeito à Psicanálise, reconhecida como exterior teórico da autora, aparece ao enfatizar a maneira como conceito de “outro”. A autora questiona a unicidade do significante da cadeia linear, diferenciando-o do outro concebido pelo círculo de Bakhtin: O “outro” do inconsciente, do imprevisto do sentido, de um sentido “desconstruído”, no funcionamento autônomo do significante, que abre no discurso uma outra heterogeneidade – de uma outra natureza – diferente da que estrutura o campo do discurso de Bakhtin, está ausente do horizonte bakhtiniano. O discurso não se reduz a seu dizer explícito; traz com ele, como o próprio pensamento, o peso do “outro” de nós mesmos. Aquele que nós ignoramos ou que nós recusamos.

As conclusões a que se chega – após estudo diz respeito às duas diferentes concepções de “outro” – podem ajudar a entender, no trabalho de Jacqueline Authier-Revuz, como as formas de heterogeneidade marcadas, o diálogo estabelecido com Bakhtin e Lacan. Daí se posiciona, não no campo da heterogeneidade constitutiva com os dois evocados, mas numa dimensão lingüística que expõe essa heterogeneidade e necessariamente faz apelo à ideologia e ao inconsciente, as duas dimensões a que o homem está submetido.

Bakhtin olha por um lado, Lacan por outro e Authier-Revuz aproveita-se desse olhar para conferir aos estudos enunciativos o estatuto de lugar da verificação das confluências e interferências existentes entre sentido, sujeito e discurso, surpreendidos na materialidade lingüística que expõe ideologia e inconsciente.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Campinas/SP: Unicamp, 1998.

BAKHTIN Mikail. **Marxismo e filosofia da linguagem** (Volochinov) São Paulo: Hucitec, 1995.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. **O Sósia**. Trad. Vivaldo Coaracy. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

LACAN, Jacques. **O Seminário 1**. Versão Brasileira Betty Milan. Rio: Zahar, 1979. 336 p.

BRAÏT, Beth. Alteridade, dialogismo, heterogeneidade: nem sempre o outro é o mesmo. In: **Estudos Enunciativos no Brasil**. Campinas SP: Pontes, 2001.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

WILLEMART, Philippe. **A Pequena Letra em Teoria Literária**: a literatura subvertendo as teorias de Freud, Lacan e Saussure. São Paulo: Annablume, 1997.